

INTRODUÇÃO

António Caetano

Nunca organizações ocuparam um espaço tão vasto e poderoso como hoje, tendo-se tornado, provavelmente, na *instituição* dominante na actual sociedade. De tal modo isso tem vindo a intensificar-se que, actualmente, começa a ser impensável querer exercer algum poder na sociedade que não seja mediatizado por qualquer tipo de organização, desde as associações de todo o tipo, às ONG oportunamente criadas em alternativa ao *vazio organizacional* numa determinada área da vida social.

As organizações não só influenciam o comportamento dos seus membros, como sempre o fizeram, como, cada vez mais, moldam as condições em que vivemos e afectam inexoravelmente a vida social com as decisões que tomam ou evitam tomar. No entanto, enquanto grupos de pessoas, as organizações são também influenciadas pelos seus membros e pelos contextos sociais em que se institucionalizam.

As mudanças que, desde há três décadas, se têm verificado nas condições em que as organizações operam e o esforço que fazem para controlar essas mesmas mudanças, ou para minimizar os seus efeitos, têm feito emergir, ou salientar, alguns novos problemas e algumas novas abordagens de problemas antigos relacionados com o comportamento das pessoas e dos grupos nos contextos organizacionais.

Este número da *Psicologia* constrói a sua unidade através da diversidade da análise, predominantemente na óptica da *psicologia social*, de um conjunto de temas e problemas organizacionais. Este número conta ainda com uma diversidade assinalável da pertença institucional dos seus autores; diversidade essa minimamente representativa, embora não exaustiva, do esforço de investigação que vem sendo feito ao nível do nosso país na área da *psicologia social das organizações*.

É nesta perspectiva que o presente número integra dois artigos teóricos e dez empíricos sobre questões relacionadas com os processos de institucionalização, a justiça organizacional, a confiança nas organizações, o contrato psicológico, o comportamento de cidadania organizacional, os processos de negociação, os processos grupais, a mudança e a cultura organizacional e a gestão de recursos humanos.

O artigo de Jorge Correia Jesuíno sobre as lógicas institucionais analisa as tendências recentes das perspectivas neo-institucionalistas e a sua contribuição para a análise das organizações.

Os três artigos seguintes, da autoria de Jorge Vala, Fátima Halbritter, Sofia Teotónio e António Caetano, apresentam estudos empíricos e focalizam-se em distintos aspectos da problemática da justiça organizacional no quadro de uma linha de investigação que tem vindo a ser desenvolvida no ISCTE.

Cristina Costa apresenta uma análise teórica do problema da confiança nas relações sociais e sobretudo ao nível do comportamento das pessoas nas

António Caetano, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa.

organizações. Com diversos pontos de contacto com esta problemática, apresentam-se seguidamente dois artigos exploratórios, ao nível empírico, sendo um sobre as dimensões do contrato psicológico nas organizações, da autoria de Lurdes Castanheira e António Caetano, e outro da autoria de Arménio Rego sobre as dimensões do comportamento de cidadania organizacional.

Eduardo Simões analisa empiricamente a influência da auto-estima e da auto-eficácia na negociação.

Luís Curral e Maria J. Cambel descrevem um estudo onde analisam em que medida os processos de grupo são diferentes em equipas de elevada inovação e em equipas de baixa inovação.

Patrícia B. Palma e Pina e Cunha apresentam um estudo em que analisam o impacto de uma mudança radical na criatividade de uma organização no nosso país.

Maria J. Cambel e Luís Curral descrevem um estudo empírico sobre a cultura organizacional e a configuração estrutural da organização.

Finalmente, J. Keating, I. S. Silva e H. L. Almeida apresentam os resultados de um estudo acerca da gestão de recursos em pequenas e médias empresas.

Este número conta, pois, com a colaboração de autores do ISCTE, do ISSSL, da Universidade de Aveiro, da Universidade de Braga, da Universidade de Lisboa e da Universidade Nova de Lisboa.